



SÉRIE ÁRVORES

ÁRVORES

PARTE 4 • RESTAURAÇÃO

A Restauração Traz Responsabilidade

TAMPA LIFE CHURCH

Guia de Estudo Bíblico

INTRODUÇÃO

O milagre do cego em Betsaida é frequentemente lembrado porque Jesus o curou em duas etapas. Nós nos maravilhamos com o milagre progressivo, o momento em que o homem declarou pela primeira vez: “Vejo pessoas, que parecem árvores andando”, e depois experimentou a restauração completa após o segundo toque. No entanto, o Espírito Santo não preservou este relato apenas para nos ensinar que Deus às vezes age progressivamente. A narrativa não termina quando a visão do homem é restaurada. Na verdade, o milagre alcança seu clímax somente depois que Jesus lhe dá uma ordem. Sua visão restaurada é imediatamente acompanhada de uma responsabilidade restaurada.

Isso revela um princípio que ecoa por toda a Escritura: todo ato da graça de Deus cria um chamado correspondente a uma obediência maior. Deus nunca nos restaura simplesmente para que desfrutemos a bênção da restauração. Ele nos restaura para que caminhemos de maneira diferente de como caminhávamos antes. A salvação não é apenas libertação do pecado; é libertação para um novo modo de viver. A cura não é simplesmente liberdade do quebrantamento; é o começo de uma mordomia fiel. A restauração nunca é o destino final de Deus: é o seu ponto de partida para a transformação.

Marcos deliberadamente registra que, depois que Jesus abriu os olhos do homem, Ele imediatamente dirigiu os seus passos. Essa ordem é significativa. Deus primeiro muda a nossa visão, depois muda a nossa direção. Ele primeiro restaura a nossa capacidade de ver, depois nos ensina por onde devemos e não devemos caminhar. Até que a nossa direção mude, a restauração não cumpriu o seu propósito completo.

Esse mesmo princípio é encontrado ao longo de toda a Bíblia. Quando Israel atravessou o Mar Vermelho, a jornada deles não estava completa apenas porque estavam livres do Egito. A liberdade criou a responsabilidade de se tornarem o povo da aliança de Deus. Quando Noé saiu da arca para uma terra renovada, Deus imediatamente estabeleceu novos mandamentos e responsabilidades (Gênesis 9:1-7). Quando Lázaro saiu do túmulo, Jesus não apenas celebrou sua ressurreição; Ele ordenou aos que estavam ao redor: “Desamarrem-no e deixem-no ir” (João 11:44). Todo milagre de restauração é seguido de instruções para viver.

Nosso mundo frequentemente ensina que liberdade significa viver sem restrições, mas a Escritura ensina o contrário. A liberdade bíblica não é a ausência de limites; é a capacidade de viver dentro dos limites de Deus sem a escravidão do pecado. Adão era livre dentro do jardim porque honrava o mandamento de Deus. Israel permaneceu abençoado enquanto andava nos estatutos de Deus. O próprio Jesus declarou: “Se vocês permanecerem fiéis aos meus ensinamentos, verdadeiramente serão meus discípulos; e conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (João 8:31-32, NVI). A liberdade sempre esteve conectada à obediência fiel.

A conclusão da série ÁRVORES, portanto, desloca a nossa atenção da visão para a mordomia. A pergunta já não é: “Você consegue ver?”. A pergunta se torna: “O que você vai fazer com o que Deus te mostrou?”. Jesus não restaurou a visão deste homem para que ele continuasse a viver como um cego. Ele o restaurou para que cada passo seguinte refletisse o milagre que havia acontecido dentro dele. O mesmo é verdade para todo crente. Nosso testemunho não é comprovado apenas pelo que aconteceu no altar, mas por como caminhamos depois de sair dele.

A vida cristã alcança sua maior maturidade quando entendemos que toda bênção traz responsabilidade, todo milagre exige mordomia, e todo toque de Deus nos chama a uma obediência mais profunda. A restauração nunca está completa até que ela mude a maneira como vivemos.

TEXTO PRINCIPAL (NVI):

“Chegaram a Betsaida, e alguns homens trouxeram um cego a Jesus, suplicando-lhe que o tocasse... Mais uma vez Jesus pôs as mãos sobre os olhos dele. Então seus olhos foram abertos, sua vista foi restaurada, e ele viu tudo claramente. Jesus mandou-o para casa, dizendo: Não entre no povoado, nem conte a ninguém lá.”

MARCOS 8:22-26, NVI

Essa ordem final se torna o fundamento de toda a lição.

O milagre não estava completo quando os olhos do homem foram abertos.

O milagre esteve completo quando a vida dele começou a se mover em uma nova direção.

TREES SERIES • STUDY POINT

01

A RESTAURAÇÃO TEM O PROPÓSITO DE PRODUZIR TRANSFORMAÇÃO

Um dos maiores equívocos no cristianismo moderno é acreditar que os milagres de Deus existem principalmente para tornar nossa vida mais confortável. Embora Deus certamente cure, liberte, restaure e abençoe o seu povo, nenhum desses atos é um fim em si mesmo. Todo milagre é um convite a uma maior conformidade à imagem de Cristo. O objetivo de Deus nunca foi simplesmente melhorar nossas circunstâncias; seu objetivo sempre foi transformar o nosso caráter.

Essa verdade se torna inconfundivelmente clara na história do cego de Betsaida. Jesus poderia tê-lo curado instantaneamente e dispensado sem mais palavras. Em vez disso, depois de restaurar sua visão, Ele imediatamente lhe deu instruções. A ordem não foi um detalhe secundário; foi parte do próprio milagre. Cristo entendia que uma visão restaurada sem uma vida transformada acabaria se tornando uma visão desperdiçada.

Ao longo da Escritura, a maior preocupação de Deus não é simplesmente mudar a nossa situação, mas nos mudar. Israel clamou por libertação da escravidão egípcia, e Deus respondeu com grandes sinais e maravilhas. No entanto, seu propósito final nunca foi apenas tirá-los do Egito. Ele pretendia tirar o Egito de dentro deles. A libertação deles foi o começo de um processo de vida inteira para se tornarem uma nação santa, um sacerdócio real e um povo separado para Ele.

Muitos crentes se alegram quando Deus remove a dor, restaura relacionamentos, cura o quebrantamento ou dá respostas milagrosas à oração, mas deixam de reconhecer que essas bênçãos

criam novas responsabilidades. A graça nunca é permissão para permanecer inalterado. A graça capacita a mudança. A misericórdia não desculpa a desobediência contínua; ela proporciona outra oportunidade de andar em obediência.

Paulo capta essa verdade lindamente:

“Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês.”

ROMANOS 12:1 (NVI)

Observe a ordem. Por causa das misericórdias de Deus, somos chamados a nos apresentar como sacrifício vivo. A misericórdia sempre leva à consagração. As bênçãos de Deus nunca devem produzir complacência espiritual; devem produzir uma entrega mais profunda.

Foi exatamente isso que Jesus repreendeu em Betsaida. A cidade havia testemunhado milagre após milagre, e ainda assim seu povo permaneceu inalterado. Admiravam o sobrenatural sem permitir que o sobrenatural transformasse seus corações.

Jesus declarou:

“Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Se os milagres que foram realizados no meio de vocês tivessem sido realizados em Tiro e Sidom, há muito tempo elas teriam se arrependido, vestindo roupas de saco e sentando-se na cinza.”

LUCAS 10:13 (NVI)

Os milagres tinham o propósito de produzir arrependimento.

Essa afirmação deveria levar todo crente a examinar o próprio coração. É totalmente possível experimentar repetidamente as bênçãos de Deus enquanto se resiste à transformação que essas bênçãos foram projetadas para realizar. Podemos celebrar orações respondidas enquanto ignoramos áreas de orgulho. Podemos nos alegrar com a cura enquanto nos recusamos a perdoar. Podemos testemunhar sobre a bondade de Deus enquanto continuamos alimentando amargura, ira, ciúme ou medo.

Deus nunca realiza milagres apenas para nos impressionar. Todo milagre nos chama ao arrependimento, à santidade, a uma fé maior e a uma intimidade mais profunda com Ele.

É por isso que a Escritura conecta continuamente a salvação com a transformação.

Paulo escreve:

“Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!”

2 CORÍNTIOS 5:17 (NVI)

Observe que Paulo não diz apenas que o nosso destino muda; ele diz que a nossa identidade muda. A salvação não apenas altera para onde vamos depois da morte. Ela transforma quem somos enquanto estamos vivos. Os padrões antigos começam a morrer. Os desejos antigos perdem o seu poder. Os hábitos antigos não nos definem mais porque Cristo nos fez novos.

Da mesma forma, Ezequiel profetizou que, sob a Nova Aliança, Deus realizaria uma transformação interna que nenhum esforço humano poderia alcançar.

“Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês... e farei com que andem nos meus estatutos.”

EZEQUIEL 36:26-27 (NVI)

Observe o propósito de Deus. Ele não promete simplesmente um coração novo para que nos sintamos melhor; Ele nos dá um coração novo para que caminhemos de maneira diferente. A transformação sempre resulta em obediência.

Isso é exatamente o que o Pastor enfatizou ao longo desta mensagem. Jesus não restaurou a visão do cego para que ele continuasse vivendo como se nada tivesse acontecido. O milagre exigia um estilo de vida diferente. O homem que antes precisava ser guiado pela mão agora teria que caminhar segundo a voz de Cristo.

O mesmo princípio se aplica a nós.

Se Deus restaurou o seu casamento, o seu lar deve refletir essa restauração.

Se Deus te libertou do vício, os seus hábitos diários devem testemunhar dessa libertação.

Se Deus perdoou os seus pecados, os seus relacionamentos devem começar a mostrar perdão para com os outros.

Se Deus te encheu com o seu Espírito, o fruto do Espírito deve se tornar cada vez mais evidente na sua vida.

Paulo identifica essa evidência contínua:

“Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio...”

GÁLATAS 5:22-23 (NVI)

Embora falar em línguas seja a evidência inicial de receber o Espírito Santo (Atos 2:4), o fruto do Espírito se torna a evidência contínua de que o Espírito está transformando ativamente as nossas vidas. O Espírito Santo não é apenas uma experiência para relembrar; Ele é uma Pessoa que continuamente molda o nosso caráter à semelhança de Jesus Cristo.

Cada ano de caminhada com Deus deveria revelar um crescimento espiritual mensurável. Deveríamos nos tornar mais pacientes do que éramos. Mais perdoadores. Mais humildes. Mais generosos. Mais gentis. Mais fiéis. Mais dominados por autocontrole. A maturidade espiritual não é medida por quanto tempo frequentamos a igreja, mas por o quanto Cristo foi formado dentro de nós (Gálatas 4:19).

A maior tragédia não é deixar de receber um milagre.

A maior tragédia é receber um e permanecer o mesmo.

Betsaida experimentou milagres, mas recusou o arrependimento.

O cego experimentou um milagre e obedeceu à ordem de Cristo.

A diferença nunca foi o milagre.

A diferença foi a resposta.

Essa mesma pergunta agora confronta todo crente.

A restauração de Deus mudou apenas as nossas circunstâncias, ou transformou a maneira como vivemos?

REFLITA E ESCREVA

Pense em uma oração respondida ou em uma bênção recente. Ela mudou apenas suas circunstâncias, ou mudou você? Escreva uma maneira específica pela qual Deus está te chamando a uma entrega maior.

.....

.....

.....

.....

TREES SERIES • STUDY POINT**02****A RESTAURAÇÃO REMOVE AS DESCULPAS E INTRODUZ A RESPONSABILIDADE**

Uma das realidades mais sérias desta passagem é que o milagre fez mais do que restaurar a visão do homem: ele removeu toda desculpa que a cegueira antes fornecia. Antes de conhecer Jesus, não se podia esperar que o cego caminhasse independentemente porque ele não conseguia ver. Outros precisavam guiá-lo, protegê-lo e levá-lo aonde ele precisasse ir. Sua condição explicava a sua dependência. Sua cegueira justificava as suas limitações. Mas no momento em que Jesus restaurou a sua visão, essas explicações deixaram de se aplicar. O milagre não apenas mudou o que ele podia ver; mudou o que Deus agora esperava dele.

Este é um dos propósitos frequentemente negligenciados da restauração ao longo da Escritura. Deus nunca nos restaura apenas para nos devolver ao mesmo estilo de vida que vivíamos antes. Toda bênção de Deus eleva o padrão de responsabilidade, porque uma revelação maior sempre traz uma responsabilidade maior. O Senhor nunca aumenta o nosso entendimento sem também esperar uma obediência maior. Ele nunca concede uma nova visão sem esperar uma nova direção.

Jesus ensinou este princípio repetidamente ao longo do seu ministério.

“Daquele que recebeu muito, muito se exigirá...”

LUCAS 12:48 (NVI)

O Reino de Deus não opera de acordo com a definição do mundo de privilégio. No Reino, toda bênção traz mordomia. Todo dom traz responsabilidade. Toda revelação exige uma resposta. Quando Deus nos confia mais, Ele amorosamente espera mais de nós: não porque seja severo, mas porque está nos preparando para uma maior utilidade em seu Reino.

Este princípio pode ser visto de Gênesis a Apocalipse. Adão foi colocado em um jardim perfeito, mas com esse privilégio veio a responsabilidade de obedecer ao mandamento de Deus a respeito da árvore do conhecimento do bem e do mal. Israel foi libertado através do Mar Vermelho, mas a sua liberdade exigia imediatamente obediência à aliança. Salomão recebeu uma sabedoria incomparável, mas se esperava que ele governasse Israel segundo o temor do Senhor. Pedro recebeu a revelação de que Jesus era o Cristo, mas essa revelação exigia uma vida de discipulado fiel.

Deus nunca separou a bênção da responsabilidade.

Essa verdade também explica por que o crescimento espiritual às vezes pode parecer desconfortável. Frequentemente oramos para que Deus nos eleve, nos aumente, nos abençoe e nos use de maneira mais poderosa, e ainda assim toda resposta a essas orações introduz uma responsabilidade maior. A promoção no Reino de Deus nunca se trata apenas de maior influência; trata-se de maior fidelidade. Quanto mais alto Deus eleva um crente, mais profundo Ele espera que o caráter dele se torne.

O cego sem dúvida se alegrou por finalmente poder ver, mas com a visão restaurada veio a expectativa restaurada. Ele não podia mais continuar vivendo como se ainda estivesse cego. Ele não podia mais depender de outros para guiá-lo aonde Cristo já lhe havia dado a capacidade de caminhar. Jesus estava gentilmente lhe ensinando que a temporada de indefesa havia terminado.

Essa verdade fala poderosamente a todo crente. Há temporadas em nossa caminhada com Deus em que outros nos carregam. Pais nos ensinam a orar. Pastores nos ensinam a Palavra. Mentores espirituais nos encorajam quando a nossa fé é fraca. Amigos intercedem por nós durante temporadas difíceis. A igreja nos cerca de força enquanto ainda estamos aprendendo a caminhar com Cristo. Essas temporadas são belas expressões da misericórdia de Deus, e nenhum de nós deveria jamais desprezá-las.

No entanto, a intenção de Deus nunca é que permaneçamos espiritualmente dependentes para sempre.

O escritor de Hebreus se dirigiu a crentes que haviam permanecido imaturos muito depois de deveriam ter crescido.

“Pois, embora a esta altura vocês já deversem ser mestres, ainda precisam que alguém lhes ensine de novo...”

HEBREUS 5:12 (NVI)

O problema deles não era falta de oportunidade. Eles haviam recebido ensino suficiente para se tornarem crentes maduros, mas falharam em se desenvolver. Em vez de alimentar os outros, ainda dependiam de outros para serem alimentados. Em vez de permanecerem firmes durante as provas, ainda precisavam de encorajamento constante. Sua infância espiritual havia se tornado confortável.

Este é o perigo que Jesus aborda através do milagre em Betsaida. No início da história, o cego está sendo guiado por outros. No final da história, Jesus o envia para caminhar com os próprios pés. Essa

transição não é incidental: é o retrato da maturidade espiritual.

Há um simbolismo profundo nessa progressão. Outros o trouxeram a Jesus, mas Jesus esperava que ele saísse de maneira diferente da que havia chegado. As mãos que antes o guiavam já não eram necessárias porque Cristo o havia equipado para caminhar com confiança. O milagre havia realizado mais do que uma visão restaurada; havia produzido um homem capaz de caminhar sob responsabilidade pessoal.

É exatamente assim que funciona o discipulado. Há uma temporada em que dependemos fortemente de outros, mas o discipulado saudável sempre nos move em direção à comunhão pessoal com Deus. Eventualmente, precisamos aprender a orar porque amamos a sua presença, não apenas porque alguém nos lembra. Precisamos aprender a estudar as Escrituras porque temos fome da verdade, não apenas porque o estudo bíblico está programado. Precisamos adorar porque nossos corações transbordam de gratidão, não apenas porque todos ao nosso redor estão levantando as mãos.

Paulo descreveu esse processo quando escreveu:

“Até que todos alcancemos a unidade da fé... tornando-nos um homem perfeito, atingindo a medida da estatura da plenitude de Cristo.”

EFÉSIOS 4:13 (NVI)

O objetivo do discipulado é a maturidade. Deus não deseja uma infância espiritual perpétua. Ele deseja filhos e filhas que conheçam a sua voz, andem nos seus caminhos, discernam a sua vontade e administrem fielmente o que Ele lhes confiou.

Talvez um dos maiores obstáculos para essa maturidade seja que o nosso quebrantamento pode se tornar familiar. A dor tem uma maneira de moldar a nossa identidade se não tivermos cuidado. Fracassos passados, decepções, feridas emocionais e até temporadas de escravidão podem se entrelaçar tão profundamente em nosso pensamento que começamos a nos definir por eles. Nos acostumamos a dizer: “Eu sou assim mesmo”, ou “Sempre fui assim”.

Mas Jesus se recusa a nos deixar ali.

Sua restauração fala diretamente a toda desculpa que nos impede de nos tornarmos quem Ele nos criou para ser. Não podemos continuar culpando o ontem por resistir à obediência hoje. Não podemos continuar nos identificando pela condição da qual Cristo já nos livrou. A graça reconhece onde estivemos, mas se recusa a permitir que o nosso passado determine o nosso futuro.

Isso não significa que negamos a realidade das nossas cicatrizes. Significa que nos recusamos a deixar que nossas cicatrizes sejam a nossa identidade. O apóstolo Paulo entendeu isso lindamente. Embora frequentemente falasse do seu passado como perseguidor da igreja, ele nunca permitiu que esse passado ditasse o seu chamado presente.

Em vez disso, ele declarou:

“Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante.”

FILIPENSES 3:13 (NVI)

Paulo não estava fingindo que o seu passado nunca existiu. Em vez disso, recusou-se a permitir que ele limitasse o que Deus pretendia realizar através dele.

O mesmo princípio se aplica a nós. O que Cristo restaurou, agora devemos administrar. O que Ele curou, devemos proteger. O que Ele revelou, devemos obedecer. O que Ele perdoou, devemos deixar para trás.

O cego não podia mais viver como se ainda estivesse esperando que alguém o tomasse pela mão.

Jesus já havia colocado dentro dele tudo o que era necessário para caminhar adiante.

E assim Ele fez também por nós.

REFLITA E ESCREVA

Que desculpa você tem usado para evitar um passo de obediência? Para que Deus já te capacitou, de modo que você possa caminhar por si mesmo?

.....

.....

.....

.....

TREES SERIES • STUDY POINT

03

LIMITES NÃO SÃO PUNIÇÃO: SÃO A PROTEÇÃO DE DEUS

Talvez a parte mais surpreendente deste milagre não seja que Jesus curou o cego em etapas, mas que Ele imediatamente estabeleceu limites para o homem depois de restaurar a sua visão. As palavras finais do Senhor parecem quase inesperadas.

“Jesus mandou-o para casa, dizendo: Não entre no povoado, nem conte a ninguém lá.”

MARCOS 8:26 (NVI)

À primeira vista, essas instruções quase parecem restritivas. Por que Jesus realizaria um milagre tão extraordinário apenas para limitar aonde o homem podia ir? Não faria mais sentido incentivá-lo a voltar e testemunhar diante de todos que o conheciam? O milagre não teria o maior impacto se fosse exibido publicamente?

No entanto, Jesus entendia algo que frequentemente ignoramos: a visão restaurada precisa ser protegida antes que possa se tornar frutífera. O milagre estava completo, mas o homem ainda estava aprendendo a viver com o que Cristo lhe havia dado. Seus olhos haviam sido curados, mas seus hábitos, relacionamentos e ambiente ainda tinham o potencial de influenciá-lo. O Senhor sabia que retornar imediatamente à atmosfera que havia envolvido sua cegueira o exporia a um perigo desnecessário.

Isso revela um princípio espiritual atemporal. Deus não estabelece limites porque deseja reduzir a nossa alegria; Ele estabelece limites porque deseja preservá-la. Todo mandamento que Deus dá é motivado pelo seu amor. Suas instruções nunca são barreiras para a vida abundante: são o caminho para a vida abundante.

Davi entendeu isso quando escreveu:

“Tu me farás conhecer a vereda da vida; na tua presença há plenitude de alegria; à tua direita, delícias perpétuas.”

SALMOS 16:11 (NVI)

Observe que Deus revela uma vereda. Uma vereda tem direção. Uma vereda tem limites. Uma vereda separa o caminante dos perigos que existem de ambos os lados. Esses limites não são evidência de que Deus está retendo algo melhor; são evidência de que Ele sabe onde a vida se encontra.

Isso tem sido verdade desde o princípio.

Quando Deus colocou Adão e Eva no jardim do Éden, Ele os cercou de uma liberdade transbordante. Toda árvore estava disponível para eles, exceto uma.

“Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal...”

GÊNESIS 2:16-17 (NVI)

O mandamento a respeito de uma árvore não pretendia diminuir a liberdade deles. Ele protegia tudo o mais que lhes havia sido dado. Satanás, no entanto, convenceu Eva a interpretar o limite de Deus como privação em vez de proteção. Em vez de ver o mandamento como uma expressão da bondade de Deus, ela começou a vê-lo como uma limitação à sua felicidade.

Esse mesmo engano continua hoje.

Muitas pessoas veem a santidade bíblica como restrição em vez de proteção. Perguntam por que Deus se importa aonde vamos, o que assistimos, quem nos influencia, ou como conduzimos nossos relacionamentos. No entanto, cada mandamento de Deus flui do seu conhecimento perfeito do coração humano. Ele vê perigos muito antes de nós os reconhecermos. O que hoje parece inofensivo pode se tornar escravidão amanhã. O que começa como um compromisso casual pode remodelar lentamente nossos afetos até que nossos corações se afastem dEle.

O salmista reconheceu esse perigo e orou:

“Guia os meus passos conforme a tua palavra; não permitas que o pecado me domine.”

SALMOS 119:133 (NVI)

Ele não apenas pediu a Deus que perdoasse os seus erros; pediu a Deus que dirigisse os seus passos. Ele entendia que a proteção começa muito antes de o desastre acontecer. Ela começa quando Deus dirige por onde caminhamos.

Isso é precisamente o que Jesus estava fazendo com o cego. A ordem, “Não volte ao povoado”, não era uma punição por onde ele havia estado. Era proteção para onde Deus o estava levando.

Às vezes supomos que, porque Deus nos curou, agora somos fortes o suficiente para voltar a todo ambiente que uma vez nos influenciou. No entanto, a Escritura consistentemente ensina o contrário. A libertação não elimina a necessidade de discernimento. A restauração não elimina a necessidade de sabedoria. Na verdade, aqueles que experimentaram as maiores vitórias frequentemente se tornam os principais alvos dos ataques do inimigo.

Pedro advertiu os crentes:

“Sejam sóbrios e vigilantes. O diabo, inimigo de vocês, anda ao redor, rugindo como leão, procurando a quem devorar.”

1 PEDRO 5:8 (NVI)

Observe que Pedro não escreveu essas palavras a descrentes. Ele as escreveu a cristãos. A vigilância espiritual não é evidência de medo; é evidência de maturidade. Permanecemos vigilantes porque reconhecemos que nosso adversário continuamente busca oportunidades para enfraquecer nossa

devoção a Cristo.

É por isso que Provérbios enfatiza repetidamente a importância de guardar nossa vida interior.

“Acima de tudo o que você guarda, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida.”

PROVÉRBIOS 4:23 (NVI)

A palavra guardar carrega a ideia de proteger, resguardar ou vigiar algo precioso. Salomão entendia que o coração determina a direção da vida. Se o coração é guardado, a vida permanece saudável. Se o coração é negligenciado, tudo o mais eventualmente sofre.

Jesus estava ajudando o cego a guardar o seu coração antes que o inimigo tivesse a oportunidade de atacá-lo.

Com que frequência os crentes perdem o que Deus restaurou porque subestimam o poder dos ambientes antigos? Um casamento é restaurado, e ainda assim o casal continua ouvindo vozes que fomentam a divisão em vez da reconciliação. Um crente é libertado do vício, e ainda assim continua passando tempo com companheiros que normalizam o mesmo estilo de vida do qual Cristo o libertou. Uma pessoa experimenta uma renovação espiritual genuína, e ainda assim continua se alimentando de entretenimento, conversas e influências que lentamente corroem a sensibilidade à voz de Deus.

A Escritura nos lembra:

“Não se deixem enganar: ‘As más companhias corrompem os bons costumes.’”

1 CORÍNTIOS 15:33 (NVI)

Paulo não estava ensinando isolamento do mundo; estava ensinando discernimento a respeito da influência. Toda voz nos molda. Todo relacionamento deixa uma marca. Todo ambiente fortalece nossa caminhada com Deus ou enfraquece nossa sensibilidade espiritual.

É por isso que Jesus traçou uma linha clara para o homem em Betsaida. O povoado representava mais do que geografia; representava uma atmosfera que já havia demonstrado incredulidade. Betsaida havia testemunhado milagre após milagre e ainda se recusava a se arrepender (Mateus 11:21). Retornar imediatamente àquele ambiente teria exposto o homem ao mesmo espírito de incredulidade que impregnava a cidade.

Há temporadas em nossas vidas em que a decisão mais sábia é simplesmente não voltar. Não porque odiemos as pessoas, mas porque amamos o que Deus restaurou. Há conversas que não podemos nos dar ao luxo de entreter, relacionamentos que não podemos permitir que moldem nosso pensamento, hábitos que não podemos revisitar, e lugares que não podemos continuar frequentando. Não porque estamos tentando ganhar o favor de Deus, mas porque desejamos proteger a obra que a sua graça já realizou dentro de nós.

Este é o coração da santidade bíblica. Santidade não se trata de construir muros para nos impedir de aproveitar a vida; trata-se de construir convicções que preservam a vida que Deus nos deu. Não é legalismo: é mordomia. É reconhecer que o que Deus restaurou é valioso demais para ser exposto descuidadamente.

O mundo define liberdade como a ausência de limites. A Escritura define liberdade como viver dentro dos sábios limites estabelecidos por um Pai amoroso. Um trem experimenta a sua maior liberdade enquanto permanece sobre os trilhos para os quais foi projetado. Um fogo realiza um bem tremendo enquanto permanece dentro da lareira. Fora desses limites, o mesmo fogo que aquece uma casa pode consumi-la.

Da mesma forma, o crente experimenta a plenitude da liberdade espiritual não resistindo aos limites de Deus, mas os abraçando. Todo mandamento de Cristo protege algo precioso. Toda convicção resguarda a nossa comunhão com Ele. Todo ato de obediência fortalece o que a sua graça já restaurou.

O homem que deixou Betsaida naquele dia não saiu restrito.

Ele saiu protegido.

E essa proteção fazia parte do próprio milagre.

REFLITA E ESCRIVA

Que limite Deus colocou em sua vida que antes parecia uma restrição, mas que agora você vê como proteção?

.....

.....

.....

.....

04

TREES SERIES • STUDY POINT

O LAR É A PRIMEIRA MISSÃO DA RESTAURAÇÃO

Um dos detalhes mais notáveis deste milagre é que Jesus não enviou o homem a uma sinagoga, um mercado ou uma plataforma. Sua primeira missão depois de receber a visão foi muito mais simples.

“Jesus mandou-o para casa...”

MARCOS 8:26 (NVI)

Essas poucas palavras revelam um princípio profundo do Reino: antes que Deus nos confie influência pública, Ele espera transformação privada. A primeira evidência de que a restauração é genuína não é o que acontece diante de uma congregação, mas o que acontece atrás das portas do nosso lar. Muito antes de o nosso testemunho ser ouvido por estranhos, ele deveria ser testemunhado por aqueles que melhor nos conhecem.

Este sempre foi o padrão de Deus. Ao longo da Escritura, Ele se importa muito mais com quem nos tornamos do que com o que realizamos. O mundo frequentemente celebra o talento, o carisma e a visibilidade, mas Deus examina a integridade, a fidelidade e o caráter. O ministério público pode impressionar as pessoas, mas a obediência privada agrada a Deus.

Jesus poderia ter instruído o homem a viajar por toda a Galileia proclamando o milagre. Em vez disso, Ele simplesmente disse: “Vá para casa”.

Essa ordem nos lembra que o primeiro lugar onde a nossa transformação deveria se tornar visível é dentro dos nossos relacionamentos mais próximos. Se Cristo verdadeiramente mudou o nosso coração, o nosso cônjuge deveria experimentá-lo antes da congregação. Nossos filhos deveriam se beneficiar disso antes de a comunidade ouvir a respeito. Nossas conversas diárias, nossas atitudes, nossa paciência e nossa conduta dentro do nosso lar deveriam se tornar a primeira evidência de que Jesus realizou uma obra dentro de nós.

O apóstolo Paulo enfatizou esse mesmo princípio ao dar as qualificações para a liderança espiritual.

“Deve governar bem sua própria família e fazer com que seus filhos lhe obedeçam com o devido respeito. Se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus?”

1 TIMÓTEO 3:4-5 (NVI)

Observe que Paulo não começa com a capacidade de uma pessoa de pregar, organizar ou liderar grandes grupos de pessoas. Ele começa com o lar. Antes que alguém receba a confiança de cuidar da família de Deus, ele deve demonstrar fidelidade dentro da sua própria família. Deus não separa o caráter privado do ministério público porque os dois estão inseparavelmente conectados.

Esse princípio vai muito além da liderança pastoral. Todo crente é chamado a viver uma vida cristã autêntica em casa. O lar é onde a nossa fé é testada sem aplausos. É onde a paciência se torna prática, o perdão se torna necessário, a humildade se torna visível e o amor se torna sacrificial.

Qualquer um pode parecer espiritual por uma hora no domingo.

Viver como Cristo na segunda-feira de manhã, na terça-feira à noite, e ao longo das rotinas comuns da vida revela se a transformação verdadeiramente criou raízes.

Tiago nos lembra:

“Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a vocês mesmos.”

TIAGO 1:22 (NVI)

É possível ouvir sermões, frequentar cultos, participar da adoração, e ainda assim falhar em viver a Palavra no dia a dia. Tiago adverte que ouvir sem praticar eventualmente produz autoengano. Começamos a acreditar que somos espiritualmente saudáveis porque acumulamos conhecimento bíblico, enquanto a nossa conduta revela que nossos corações ainda não se submeteram completamente a Cristo.

A missão do cego não era falar primeiro sobre o milagre. Sua missão era viver o milagre.

É aqui que muitos crentes lutam. Naturalmente gostamos dos momentos públicos de vitória espiritual. Amamos os cultos de altar em que Deus se move poderosamente. Nos alegramos com testemunhos de cura, libertação e orações respondidas. Esses momentos fortalecem a nossa fé, mas não são o objetivo final. A verdadeira medida da restauração é descoberta depois que o culto termina.

Conseguimos voltar para casa com a mesma humildade que demonstramos no altar? Conseguimos estender à nossa família a mesma misericórdia que pedimos a Deus que estendesse a nós? Conseguimos falar com a mesma bondade na terça-feira que expressamos na adoração no domingo? Conseguimos continuar andando em obediência quando ninguém mais está observando?

Jesus ensinou esse princípio no Sermão do Monte.

“Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.”

MATEUS 5:16 (NVI)

A luz que Cristo descreveu não é apenas o que dizemos; é como vivemos. Nossas boas obras se tornam visíveis através da constância, da integridade, da compaixão, do perdão e da santidade. Aqueles que vivem mais perto de nós observam se a nossa fé é genuína muito antes de qualquer outra pessoa.

É por isso que a Escritura enfatiza repetidamente a importância do lar.

Deus instruiu Israel:

“Fixem estas palavras no coração... ensinem-nas com persistência a seus filhos. Conversem sobre elas quando estiverem sentados em casa...”

DEUTERONÔMIO 6:6-7 (NVI)

O lar nunca foi projetado para ser espiritualmente neutro. Foi projetado para se tornar o lugar principal onde a verdade de Deus era praticada, discutida e modelada. Antes de Israel influenciar as nações, eles deveriam cultivar fidelidade à aliança ao redor de suas próprias mesas.

Josué ecoou essa convicção quando declarou:

“...Eu e a minha família serviremos ao Senhor.”

JOSUÉ 24:15 (NVI)

Josué não apenas se comprometeu pessoalmente; ele estabeleceu a direção espiritual do seu lar. Sua liderança começou em casa antes de se estender à nação.

Esse mesmo padrão aparece ao longo do Novo Testamento. O Evangelho frequentemente se espalhava de casa em casa. As famílias se tornaram centros de discipulado. As igrejas se reuniam em lares. A hospitalidade se tornou uma expressão do Reino. Deus sempre se importou profundamente com o que acontece dentro das paredes dos nossos lares, porque é ali que a fé se torna parte da vida cotidiana.

A ordem que Jesus deu ao cego também nos ensina outra lição importante: a nossa primeira responsabilidade depois de experimentar a graça de Deus não é buscar reconhecimento, mas cultivar fidelidade. Há uma tentação depois de toda vitória espiritual de desejar visibilidade. Queremos que outros saibam o que Deus fez. No entanto, Jesus frequentemente enfatizava a obediência silenciosa antes do reconhecimento público.

O próprio Senhor passou quase trinta anos em relativa obscuridade antes de começar o seu ministério público. Aqueles anos escondidos não foram anos desperdiçados; foram anos de preparação. O céu valoriza a fidelidade muito antes de valorizar a visibilidade.

Da mesma forma, Davi pastoreou ovelhas fielmente antes de pastorear uma nação. José serviu com integridade na casa de Potifar e na prisão antes de governar o Egito. Moisés passou quarenta anos no deserto antes de guiar Israel. Em cada caso, a fidelidade privada precedeu a influência pública.

O padrão de Deus nunca mudou.

Ele primeiro desenvolve o nosso caráter, depois expande a nossa influência.

Ele primeiro nos ensina a servir fielmente onde poucas pessoas percebem, depois nos confia maiores oportunidades de acordo com o seu tempo perfeito.

O cego não precisava de uma plataforma.

Ele precisava de um lar onde a visão restaurada pudesse se tornar um estilo de vida restaurado.

Sua família precisava experimentar um marido diferente, um pai diferente, um filho diferente, um homem diferente. Eles precisavam ver que o milagre havia feito mais do que abrir os seus olhos: havia mudado a sua vida.

A mesma pergunta nos confronta a todos.

Se aqueles que melhor nos conhecem fossem perguntados se Jesus nos transformou, o que eles diriam?

Nossa família testemunharia que nos tornamos mais pacientes, mais gentis, mais humildes, mais perdoadores, mais alegres e mais parecidos com Cristo?

Ou diriam que, embora falemos apaixonadamente sobre Deus em público, muito pouco mudou em privado?

Jesus entendia que o testemunho mais forte não se constrói sobre um único momento no altar.

Ele se constrói sobre toda uma vida de obediência fiel que começa em casa.

Antes que a restauração se torne um testemunho para o mundo, ela primeiro precisa se tornar uma realidade dentro das paredes da nossa própria casa.

REFLITA E ESCREVA

Se sua família fosse perguntada se Jesus te transformou, o que ela diria? De que forma sua casa pode ver sua transformação nesta semana?

.....

.....

.....

.....

05

TREES SERIES • STUDY POINT

**VER JESUS CLARAMENTE MUDA COMO
VEMOS OS SEUS MANDAMENTOS**

O clímax deste milagre não é simplesmente que o cego finalmente via as pessoas corretamente; é que ele agora era capaz de confiar naquele que havia restaurado a sua visão. Antes do segundo toque, sua visão estava distorcida. Os homens pareciam árvores que andavam, e embora ele possuísse visão, sua percepção ainda estava incompleta. Essa condição física se tornou uma ilustração viva de uma realidade espiritual que cercava os discípulos ao longo de Marcos capítulo oito. Pouco antes de Jesus curar o cego, Ele havia feito aos discípulos uma pergunta penetrante: “Vocês têm olhos, mas não veem?” (Marcos 8:18, NVI). Eles haviam testemunhado a alimentação de milhares, o haviam visto repreender demônios, acalmar tempestades, curar doenças e realizar milagre após milagre, e ainda assim continuavam a não entender o seu propósito. Estavam preocupados com pão enquanto o Pão da Vida estava com eles no barco. Havia visto o seu poder, mas ainda não haviam entendido completamente a sua pessoa. Imediatamente depois do milagre, Pedro corajosamente confessou: “Tu és o Cristo” (Marcos 8:29), mas apenas momentos depois repreendeu Jesus por falar do seu sofrimento, morte e ressurreição futuros. Pedro reconheceu Jesus como o Messias, mas ainda não entendia que tipo de Messias Jesus havia vindo ser. Sua confissão estava correta, mas seu entendimento estava incompleto. Como o cego, ele podia ver, mas ainda via parcialmente.

Isso revela uma verdade importante para todo crente. A maturidade espiritual não é medida apenas pela nossa capacidade de reconhecer Jesus como Salvador. A verdadeira maturidade se demonstra quando começamos a entender os seus caminhos tanto quanto as suas obras. É totalmente possível crer em Cristo enquanto ainda se mal-entendem os seus métodos. Muitos crentes se alegram quando Deus os abençoa, mas lutam quando Ele os disciplina. Celebram os seus milagres, mas questionam os seus mandamentos. Recebem de bom grado as suas promessas, mas resistem ao seu processo. Abraçam a sua misericórdia, mas lutam com a sua santidade. A visão que têm de Cristo é genuína, mas permanece incompleta porque aprenderam a apreciar o que Ele dá mais do que apreciam quem Ele é. Ao longo da Escritura, Deus tem se revelado consistentemente como Redentor e Senhor ao mesmo tempo. Ele não apenas nos salva do pecado; Ele nos ensina como viver depois da salvação. O mesmo Salvador que perdoa também ordena. O mesmo Pastor que restaura também guia. O mesmo Médico que cura também instrui os seus pacientes sobre como permanecer saudáveis. Aceitar um enquanto se resiste ao outro é possuir apenas uma visão parcial.

Isso se torna evidente ao longo do ministério de Jesus. Quando curou o parálítico no tanque de Betesda, Ele mais tarde o encontrou no templo e lhe disse palavras notavelmente semelhantes às suas instruções ao cego. Jesus disse: “Olhe, você está curado. Não volte a pecar, para que algo pior não aconteça a você” (João 5:14, NVI). O milagre não eliminou a responsabilidade; ele a introduziu. Cristo entendia que a cura física sem transformação espiritual deixaria o homem vulnerável a uma tragédia ainda maior. Da mesma forma, quando Ele perdoou a mulher pega em adultério, Ele concluiu a conversa dizendo: “Também eu não a condeno. Vá, e a partir de agora não peque mais” (João 8:11, NVI). A graça nunca

dispensou a santidade. A misericórdia nunca eliminou a obediência. Todo ato de perdão se tornou um convite a uma nova maneira de viver.

O mesmo princípio governa o nosso relacionamento com Cristo hoje. Muitas pessoas amam a ideia de Jesus como Libertador, mas ficam desconfortáveis quando Ele começa a dirigir os detalhes de suas vidas. Facilmente pedimos que Ele cure os nossos casamentos, mas resistimos à sua instrução de perdoar como fomos perdoados. Pedimos que Ele restaure a nossa alegria, mas negligenciamos o seu mandamento de nos alegrarmos sempre e dar graças em tudo. Oramos por paz enquanto continuamos alimentando pensamentos, relacionamentos e influências que continuamente roubam a nossa paz. Nesses momentos, o problema não é que Jesus tenha deixado de falar; o problema é que ainda o estamos vendo parcialmente. Sempre que interpretamos os seus mandamentos como fardos em vez de bênçãos, a nossa visão precisa de mais clareza.

É precisamente por isso que Jesus instruiu o cego a não voltar a Betsaida. Alguém cuja visão permanece parcial naturalmente ouviria essas palavras como uma restrição desnecessária. Alguém que vê claramente, no entanto, as reconheceria como proteção amorosa. O mandamento em si não mudou; apenas a maneira como foi interpretado mudou. Quando verdadeiramente conhecemos o coração de Cristo, deixamos de ver os seus mandamentos como tentativas de nos controlar e começamos a vê-los como expressões da sua perfeita sabedoria. João mais tarde escreveria: “Pois amar a Deus é obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3, NVI). Os mandamentos não são pesados porque procedem do coração de um Pai que sempre busca o bem dos seus filhos. Toda instrução que Ele dá é projetada para preservar o que a sua graça já realizou.

Esse entendimento transforma a maneira como abordamos a santidade. A santidade já não é vista como uma coleção de restrições impostas por um Deus irado. Em vez disso, ela se torna a resposta alegre de pessoas que confiam naquele que os redimiui. Obedecemos porque conhecemos o seu caráter. Nos submetemos porque aprendemos o seu coração. Nos separamos do pecado porque entendemos que tudo o que Ele proíbe finalmente destrói, enquanto tudo o que Ele ordena finalmente dá vida. O próprio Jesus declarou: “O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham plenamente” (João 10:10, NVI). Todo mandamento de Cristo protege a vida abundante da influência destrutiva do pecado.

Finalmente, o segundo toque em Betsaida nos ensina que a evidência mais clara da visão restaurada não é meramente reconhecer as pessoas corretamente, mas reconhecer Jesus corretamente. Quando O vemos claramente, a obediência deixa de ser uma obrigação e se torna um ato de confiança. Já não perguntamos: “Por que não posso voltar?”. Em vez disso, começamos a perguntar: “Senhor, para onde queres que eu caminhe?”. Já não discutimos com os seus limites porque entendemos que todo limite é estabelecido pelas mãos que ainda carregam as cicatrizes do Calvário. O Cristo que diz: “Não volte ao povoado”, é o mesmo Cristo que primeiro nos tomou pela mão, nos tirou das trevas, abriu os nossos olhos e restaurou as nossas vidas. Se podemos confiar nEle para a nossa salvação, certamente podemos confiar nEle com a nossa direção. A verdadeira restauração está completa somente quando não apenas vemos Jesus como nosso Salvador, mas também O seguimos com alegria como nosso Senhor.

REFLITA E ESCREVA

Há algum mandamento de Cristo que você tem resistido porque ainda não o vê como amoroso? Peça a Deus que te mostre o coração dEle por trás desse mandamento.

.....

.....

.....

.....

06

TREES SERIES • STUDY POINT

A LIBERDADE É PRESERVADA ATRAVÉS DE LIMITES PIEDOSOS

Um dos maiores enganos em cada geração é a crença de que liberdade é a ausência de restrição. Nossa cultura celebra a independência da autoridade, encoraja as pessoas a removerem toda limitação, e frequentemente retrata os limites como obstáculos à realização pessoal. No entanto, o Reino de Deus ensina precisamente o contrário. A Escritura revela consistentemente que a verdadeira liberdade não é encontrada em viver sem limites, mas em viver dentro dos sábios limites estabelecidos pelo nosso Criador. Todo mandamento de Deus é dado, não para diminuir a vida, mas para preservá-la. Os mandamentos de Cristo não são correntes colocadas sobre pessoas redimidas; são grades de proteção que impedem pessoas redimidas de voltarem à escravidão da qual foram libertadas. Quando Jesus disse ao cego: “Não entre no povoado”, Ele não estava restringindo o seu futuro; estava protegendo-o. Ele entendia que a liberdade sem sabedoria rapidamente se torna outra forma de escravidão.

Esse princípio tem sido entrelaçado nas relações de Deus com a humanidade desde o princípio. Toda aliança que Deus estabeleceu incluía tanto promessas quanto responsabilidades. Noé saiu da arca para um mundo purificado, mas Deus imediatamente lhe deu instruções sobre como ele deveria viver naquele novo começo (Gênesis 9:1-7). Israel atravessou o Mar Vermelho rumo à liberdade, mas antes de entrar na Terra Prometida, Deus lhes deu a sua Lei, não porque quisesse sobrecarregá-los, mas porque queria preservá-los como o seu povo santo. A Lei nunca foi projetada para competir com a graça; ela revelava o caráter do Deus que já os havia redimido. Da mesma forma, sob a Nova Aliança, Cristo nos liberta da escravidão do pecado e depois nos ensina como os cidadãos do seu Reino devem caminhar. A salvação não é a remoção de todo padrão; é o empoderamento interno para viver alegremente de acordo com os padrões de Deus. A graça não anula a santidade; a graça torna a santidade possível.

O apóstolo Paulo entendeu essa distinção quando escreveu:

“‘Tudo me é permitido’, mas nem tudo é conveniente. ‘Tudo me é permitido’, mas eu não deixarei que nada me domine.”

1 CORÍNTIOS 6:12 (NVI)

Paulo não estava perguntando se algo era tecnicamente permitido; estava perguntando se era espiritualmente proveitoso. Há muitas coisas que um crente pode ter a liberdade de fazer, mas que, no entanto, são imprudentes porque lentamente ganham influência sobre o coração. A maturidade cristã se demonstra quando um crente para de perguntar: “Isso é pecado?”, e começa a perguntar: “Isso vai me ajudar a me tornar mais parecido com Cristo?”. A primeira pergunta busca brechas, enquanto a segunda busca santidade. Uma tenta descobrir o quão perto pode caminhar da beira sem cair, enquanto a outra deseja permanecer o mais perto possível de Jesus. O crente maduro entende que nem toda atividade permitida contribui para o crescimento espiritual. Algumas coisas podem não destruir imediatamente o nosso relacionamento com Deus, mas silenciosamente enfraquecem o nosso apetite espiritual, embotam a nossa sensibilidade à sua voz e gradualmente diminuem a nossa paixão pela sua presença.

É por isso que a Escritura repetidamente nos adverte sobre a natureza sutil do compromisso espiritual. Raramente um crente abandona a Deus em uma única decisão dramática. Com mais frequência, o declínio espiritual começa com pequenas concessões que parecem inofensivas. Sansão não perdeu a sua força no dia em que o seu cabelo foi cortado; a sua queda começou muito antes, quando repetidamente ignorou os limites que Deus havia estabelecido para a sua vida. Salomão não acordou uma manhã completamente afastado de Deus; pouco a pouco, relacionamentos contra os quais Deus havia advertido foram desviando o seu coração até que “suas mulheres desviaram o seu coração para outros deuses” (1 Reis 11:4, NVI). Demas não abandonou o ministério de Paulo da noite para o dia; Paulo simplesmente escreveu com dolorosa simplicidade: “Demas, amando as coisas deste mundo, me abandonou” (2 Timóteo 4:10, NVI). Cada uma dessas histórias nos lembra que o compromisso raramente começa com uma rebelião aberta. Ele começa ao tratarmos os limites de Deus como opcionais em vez de essenciais.

Por essa razão, os crentes nunca devem confundir convicção com legalismo. O legalismo tenta ganhar o favor de Deus através do desempenho humano. A convicção, no entanto, é a obra amorosa do Espírito Santo protegendo o que Cristo já realizou em nós. A convicção não pergunta: “Qual é o mínimo que devo fazer?”. A convicção pergunta: “O que melhor honra ao Senhor que me redimiu?”. Quando o Espírito Santo nos adverte sobre certas conversas, relacionamentos, entretenimento, atitudes ou ambientes, Ele não está tentando tornar a vida menor. Ele está preservando a nossa comunhão com Cristo. O Espírito sempre vê perigos que ainda não conseguimos perceber. Ele sabe com que facilidade o coração pode se desviar, quão rapidamente os afetos podem mudar, e quão sutilmente hábitos antigos podem recuperar influência se ficarem sem vigilância.

Pedro entendeu essa realidade quando exortou os crentes a viverem com alerta espiritual.

“Sejam sóbrios e vigilantes. O diabo, inimigo de vocês, anda ao redor, rugindo como leão, procurando a quem devorar.”

1 PEDRO 5:8 (NVI)

Observe que Pedro não descreve o adversário como alguém que meramente observa o povo de Deus. Ele está buscando ativamente oportunidades. O inimigo continuamente procura momentos em que a nossa guarda esteja baixa, as nossas convicções estejam enfraquecidas, ou a nossa dependência de Deus comece a diminuir. É por isso que a vigilância não é medo: é sabedoria. Assim como um pastor vigia cuidadosamente o seu rebanho porque entende o perigo dos lobos, os crentes são chamados a guardar os seus corações porque entendem a realidade da guerra espiritual. A sabedoria nunca presume: “Isso nunca poderia acontecer comigo”. A sabedoria humildemente reconhece: “Sem a graça de Deus, sou capaz de cair”. Essa humildade produz uma mordomia cuidadosa em vez de uma confiança descuidada.

O escritor de Provérbios captou essa verdade com notável clareza.

“Acima de tudo o que você guarda, guarde o seu coração, pois dele depende toda a sua vida.”

PROVÉRBIOS 4:23 (NVI)

O coração é a fonte da qual flui toda decisão, desejo e direção. Se o coração permanece saudável, a vida permanecerá saudável. Se o coração se contamina, todas as outras áreas da vida eventualmente serão afetadas. Isso explica por que Jesus abordou a direção do cego imediatamente depois de restaurar a sua visão. Cristo estava guardando não apenas por onde o homem caminharia fisicamente, mas também o que continuaria moldando o seu coração espiritualmente. Voltar a Betsaida teria colocado a visão renovada de volta em uma atmosfera que havia normalizado a incredulidade. Jesus sabia que os ambientes influenciam os afetos, os afetos moldam as decisões, e as decisões determinam os destinos.

Talvez esta seja uma das maiores lições que a igreja moderna precisa recuperar. Frequentemente celebramos momentos dramáticos de libertação enquanto damos pouca atenção às disciplinas diárias que preservam essa libertação. No entanto, a Escritura consistentemente une as duas coisas. O Deus que abre as portas da prisão também ensina o seu povo a permanecer livre. O Deus que restaura casamentos ensina os maridos a amarem sacrificialmente e as esposas a honrarem fielmente. O Deus que cura corações partidos ensina os crentes a se perdoarem uns aos outros, assim como Deus os perdoou em Cristo (Efésios 4:32). Todo milagre carrega a responsabilidade da mordomia porque Deus nunca pretende que as suas bênçãos se tornem experiências temporárias. Ele deseja que se tornem realidades permanentes.

Quando finalmente entendemos essa verdade, a obediência já não é vista como limitação, mas como libertação. Começamos a agradecer a Deus pelas convicções que Ele coloca dentro dos nossos

corações. Nos tornamos gratos pelas portas que Ele fecha, os relacionamentos que Ele redireciona, e os lugares aos quais Ele nos diz para não voltarmos. Reconhecemos que todo “não” pronunciado por Cristo protege um “sim” maior que Ele preparou para o nosso futuro. O cego deixou Betsaida com mais do que a visão restaurada. Ele saiu com um novo entendimento de que o lugar mais seguro para uma vida restaurada é sob a direção daquele que a restaurou. O mesmo permanece verdadeiro para todo discípulo hoje. A liberdade nunca se sustenta vivendo sem limites. A liberdade floresce quando permanecemos voluntariamente dentro dos limites amorosos do Pastor que sempre guia as suas ovelhas junto a águas tranquilas e por veredas de justiça, por amor do seu nome.

REFLITA E ESCREVA

Onde você pode estar perguntando “isso é pecado?” em vez de “isso vai me ajudar a ser mais parecido com Cristo?”. Nomeie uma área para reavaliar.

.....

.....

.....

.....

TREES SERIES • STUDY POINT

07

DEVEMOS PROTEGER O QUE DEUS RESTAUROU

Uma das maiores responsabilidades de todo crente não é apenas receber o que Deus dá, mas preservar fielmente o que Ele nos confiou. Ao longo da Escritura, descobrimos que Deus se deleita em restaurar vidas quebrantadas, curar corações feridos, renovar espíritos cansados e dar novos começos àqueles que clamam a Ele. No entanto, a restauração nunca pretende se tornar um momento que celebramos e depois esquecemos. É um tesouro que precisa ser cuidadosamente guardado. A obra que Deus começa em nós é preciosa, e por ser preciosa, merece a nossa mordomia contínua. Jesus entendeu isso quando curou o cego de Betsaida. Sua instrução final não se tratava meramente de geografia; tratava-se de preservação. O Senhor sabia que, se o homem casualmente voltasse à mesma atmosfera que havia cercado a sua cegueira, ele se exporia desnecessariamente a influências que poderiam enfraquecer o próprio milagre que havia recebido. A ordem de evitar o povoado foi a maneira de Cristo ensinar que toda vida restaurada precisa aprender a proteger o que a graça realizou.

O apóstolo Paulo carregou esse mesmo fardo ao escrever a Timóteo. Embora Timóteo já fosse um ministro fiel, Paulo repetidamente o exortou não apenas a receber a verdade, mas a guardá-la. Ele escreveu: “Timóteo, guarde o que foi confiado aos seus cuidados” (1 Timóteo 6:20, NVI). A palavra guardar carrega a ideia de proteger algo valioso que foi colocado sob os cuidados de alguém. Timóteo

havia recebido sã doutrina, dons espirituais e um chamado santo, mas essas bênçãos exigiam vigilância. Paulo entendia que o que não é cuidadosamente guardado pode gradualmente ser negligenciado, e o que é negligenciado eventualmente começa a se deteriorar. Esse princípio se estende muito além da doutrina apenas. Somos chamados a guardar o nosso relacionamento com Cristo, a nossa sensibilidade ao Espírito Santo, a nossa vida de oração, as nossas convicções, os nossos casamentos, as nossas famílias, e toda bênção espiritual que Deus graciosamente restaurou. A mordomia não é apenas manter posses; é preservar fielmente tudo o que Deus nos confiou.

Essa verdade é lindamente ilustrada no jardim do Éden. Antes de o pecado entrar no mundo, Adão recebeu duas missões a respeito do jardim. A Escritura diz: “Pegou o Senhor Deus o homem e o colocou no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo” (Gênesis 2:15, NVI). Adão não foi apenas chamado a cultivar o que Deus havia criado; ele também foi ordenado a protegê-lo. A própria bênção trazia responsabilidade. O jardim não se preservava sozinho. Da mesma forma, nossas vidas espirituais não permanecem saudáveis por negligência. A oração precisa ser cultivada. A fé precisa ser nutrida. A adoração precisa permanecer sincera. As convicções precisam ser fortalecidas através do estudo contínuo da Palavra de Deus. O Espírito Santo nos capacita fielmente, mas precisamos cooperar diariamente com a sua obra. A saúde espiritual não acontece acidentalmente; ela cresce através da comunhão intencional com Deus.

Talvez um dos maiores perigos que os crentes enfrentam seja supor que a vitória de ontem garante automaticamente a fidelidade de amanhã. A Escritura adverte repetidamente contra a complacência espiritual. Elias fez descer fogo do céu no monte Carmelo, e ainda assim, pouco tempo depois, se encontrou desanimado debaixo de um zimbro. Davi derrotou Goliás sendo um jovem pastor, e ainda assim, anos mais tarde, quase destruiu o seu próprio testemunho através de um momento descuidado de tentação. Pedro declarou corajosamente que nunca negaria a Cristo, e ainda assim, antes de o sol nascer, havia negado o Senhor três vezes. Nenhum desses homens falhou porque lhes faltava uma experiência com Deus. Eles tropeçaram porque cada geração precisa aprender que a vitória de ontem nunca elimina a responsabilidade de hoje. Cada nova manhã exige uma dependência renovada do Senhor.

Por essa razão, Paulo emitiu uma das advertências mais fortes encontradas no Novo Testamento quando escreveu: “Portanto, quem pensa estar de pé tenha cuidado para não cair” (1 Coríntios 10:12, NVI). Este versículo não pretende produzir medo, mas humildade. A confiança em nós mesmos sempre precede a fraqueza, enquanto a confiança em Cristo produz perseverança. Crentes maduros nunca se tornam descuidados apenas porque caminharam com Deus por muitos anos. Pelo contrário, a maturidade produz uma maior dependência da graça de Deus. Quanto mais tempo servimos a Cristo, mais conscientes nos tornamos de que sem Ele nada podemos fazer (João 15:5). Cada dia que continuamos de pé é evidência da sua misericórdia sustentadora, não da nossa própria força.

Essa humildade naturalmente leva a disciplinas espirituais que preservam o que Deus restaurou. A oração deixa de ser uma obrigação religiosa e se torna comunhão diária com aquele que nos dá vida. As Escrituras já não são vistas como informação para acumular, mas como pão que continuamente nutre as nossas almas. A adoração já não se limita aos cultos da igreja, mas se torna a postura de um coração

grato ao longo de cada circunstância da vida. A comunhão com o corpo de Cristo se torna essencial porque reconhecemos que Deus frequentemente nos fortalece através do encorajamento, da prestação de contas e da sabedoria de outros crentes. Nenhuma dessas práticas ganha o favor de Deus; em vez disso, elas nos posicionam para continuar desfrutando o relacionamento que a sua graça já nos proporcionou.

O escritor de Hebreus descreve lindamente essa busca contínua quando exorta os crentes: “Fixando os olhos em Jesus, autor e consumidor da fé” (Hebreus 12:2, NVI). Observe que Cristo não é apenas o Autor da nossa fé; Ele também é o seu Consumidor. O mesmo Salvador que iniciou a nossa restauração pretende completá-la. No entanto, o contexto de Hebreus 12 nos lembra que isso exige perseverança. Somos instruídos a nos livrar de todo peso e do pecado que tão facilmente nos envolve, porque qualquer coisa que obstrua a nossa busca por Cristo finalmente ameaça a saúde das nossas vidas espirituais. Alguns fardos podem não ser pecaminosos em si mesmos, e ainda assim nos distraem de correr fielmente. A sabedoria nos ensina a remover o que enfraquece a nossa devoção antes que se torne forte o suficiente para nos descarrilar.

Isso nos traz de volta ao cego em Betsaida. Jesus não estava apenas preservando a sua visão; Ele estava preservando o seu futuro. O Senhor sabia que a visão restaurada teria pouco valor se fosse colocada de volta em um ambiente que continuamente o atraía de volta à sua condição anterior. Da mesma forma, Deus não nos chama a proteger o nosso relacionamento com Ele porque duvida da sua própria capacidade de nos guardar. Em vez disso, Ele nos convida ao privilégio de cooperar com a sua graça preservadora. Judas declara lindamente que Deus “é poderoso para impedi-los de cair” (Judas 24, NVI), e ainda assim essa mesma graça preservadora nos chama a permanecer vigilantes, em oração e obedientes. A soberania divina nunca elimina a responsabilidade humana; em vez disso, as duas trabalham juntas em bela harmonia.

Todo crente deveria, portanto, se fazer uma pergunta honesta: O que estou fazendo para proteger o que Deus restaurou? Se o Senhor restaurou o seu casamento, você está investindo intencionalmente nesse relacionamento através do amor, da comunicação, do perdão e da oração? Se Ele restaurou a sua alegria, você está guardando a sua vida de pensamento da amargura, da ansiedade e da negatividade constante? Se Ele restaurou a sua caminhada com Ele, você está protegendo essa comunhão através da oração constante, da fiel frequência à igreja e da meditação diária na sua Palavra? A restauração é valiosa demais para ser deixada sem proteção. O que Cristo comprou com o seu próprio sangue merece o nosso mais alto nível de mordomia.

O cego deixou Jesus com mais do que olhos saudáveis. Ele saiu com uma responsabilidade sagrada. Cada passo longe de Betsaida se tornou uma oportunidade tanto para proteger quanto para negligenciar o milagre que havia recebido. A mesma escolha se apresenta hoje diante de todo crente. Deus nos restaurou pela sua maravilhosa graça, mas agora Ele nos chama a caminhar com cuidado, sabedoria e fidelidade, para que o que Ele começou em nós continue a crescer até o dia em que estivermos completos na sua presença. Esse é o coração da mordomia cristã: não apenas celebrar o que Deus fez, mas proteger fielmente o que somente Deus poderia ter restaurado.

REFLITA E ESCREVA

O que Deus restaurou em sua vida que você precisa proteger ativamente hoje: seu casamento, sua alegria, seu andar com Ele? Nomeie um passo prático de mordomia.

TREES SERIES • STUDY POINT**08****A RESTAURAÇÃO ESTÁ COMPLETA QUANDO NOSSA DIREÇÃO MUDA**

A lição final deste milagre traz toda a série ÁRVORES à sua conclusão. Jesus não mediu o sucesso do milagre pelo momento em que o cego abriu os olhos. Ele o mediu pelo que o homem fez depois que os seus olhos foram abertos. É por isso que Marcos não conclui a narrativa com as palavras “ele viu tudo claramente”. Em vez disso, o Espírito Santo intencionalmente registra a instrução final de Cristo: “Jesus mandou-o para casa, dizendo: Não entre no povoado, nem conte a ninguém lá” (Marcos 8:26, NVI). Essas palavras revelam que a visão restaurada nunca pretendeu ser o destino. Era preparação para uma direção completamente nova. O milagre alcançou o seu cumprimento não quando o homem recuperou a visão, mas quando ele começou a caminhar segundo a palavra de Cristo. Até que a sua direção mudasse, o propósito da sua cura permaneceria incompleto.

Esse padrão aparece repetidamente ao longo da Escritura. Sempre que Deus transformava a vida de uma pessoa, Ele também redirecionava o caminho dessa pessoa. Abrão não podia permanecer em Ur depois de receber a promessa de Deus. O Senhor imediatamente lhe ordenou: “Saia da sua terra, do seu povo e da casa do seu pai, para a terra que eu lhe mostrarei” (Gênesis 12:1, NVI). A promessa exigia movimento. Israel não podia permanecer no Egito depois da Páscoa. A redenção exigia uma jornada rumo à Terra Prometida. Eliseu não podia continuar arando depois que Elias lançou o manto sobre ele. Mateus não podia permanecer na coletoria depois que Jesus simplesmente disse: “Siga-me” (Mateus 9:9, NVI). Saulo de Tarso não podia continuar perseguindo a Igreja depois de encontrar Cristo no caminho de Damasco. Todo encontro genuíno com Deus produzia uma mudança decisiva de direção, porque a revelação divina sempre exige uma resposta humana.

É exatamente isso que significa o arrependimento. Com muita frequência o arrependimento é reduzido a sentir tristeza pelo pecado, mas a Escritura revela que o arrependimento é muito mais profundo do que uma emoção. A palavra grega metanoia descreve uma mudança de mente que resulta em uma mudança de direção. Não é apenas lamentar onde estivemos; é se voltar para onde Deus está nos

guiando. João Batista proclamou: “Deem frutos que mostrem o arrependimento” (Mateus 3:8, NVI). Em outras palavras, o verdadeiro arrependimento sempre produz evidência visível. O fruto não é o que nos salva, mas demonstra que uma transformação genuína aconteceu dentro de nós. Um coração mudado inevitavelmente produz um caminhar mudado.

O apóstolo Paulo descreveu essa transformação com notável clareza ao escrever à igreja em Éfeso. Ele instruiu os crentes a se despojarem, “quanto à antiga maneira de viver, do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos... e a se revestirem do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e santidade provenientes da verdade” (Efésios 4:22-24, NVI). Observe a linguagem de Paulo. A vida cristã não se trata simplesmente de adicionar atividades religiosas a um estilo de vida inalterado. Trata-se de despojar-se de uma maneira de viver e revestir-se de outra. O velho homem não pode continuar dirigindo a vida de alguém que se tornou uma nova criação em Cristo. A salvação muda a nossa identidade, e uma identidade mudada inevitavelmente produz uma direção mudada.

É por isso que Jesus consistentemente chamava as pessoas para segui-lo. Seu convite nunca foi simplesmente admirá-lo, crer intelectualmente nEle, ou apreciar os seus milagres. Seu convite sempre foi relacional e transformacional. “Siga-me”, Ele disse a pescadores, publicanos, zelotes e pessoas comuns cujas vidas nunca mais seriam as mesmas. Seguir a Cristo exige movimento. Exige que deixemos algo para trás enquanto abraçamos algo completamente novo. Ninguém pode seguir Jesus ao mesmo tempo que continua caminhando na direção oposta. Eventualmente todo discípulo precisa decidir qual voz determinará o curso da sua vida.

O cego ilustra essa verdade lindamente. Antes de conhecer Jesus, a sua vida era marcada pela dependência. Outras pessoas o traziam. Outras pessoas o guiavam. Outras pessoas determinavam a sua direção porque a cegueira o havia tornado incapaz de navegar pela vida sozinho. No entanto, depois que Cristo restaurou a sua visão, Jesus não continuou a guiá-lo pela mão. Em vez disso, Ele o enviou com instruções. Essa transição é profundamente significativa. O homem que antes dependia de outros agora tinha o privilégio e a responsabilidade de caminhar em obediência por si mesmo. Sua maturidade se demonstrou não por outro milagre, mas pela submissão fiel à palavra de Cristo.

Com que frequência os crentes anseiam por outro toque de Deus enquanto negligenciam a direção que Ele já lhes deu? Pedimos maior revelação enquanto ignoramos a revelação que já possuímos. Oramos por nova orientação enquanto resistimos aos mandamentos claros encontrados na sua Palavra. No entanto, a Escritura ensina que a obediência à verdade presente nos prepara para uma revelação maior. Jesus declarou: “Se alguém escolhe fazer a vontade de Deus, saberá se o meu ensino vem de Deus” (João 7:17, NVI). O entendimento aumenta à medida que a obediência aumenta. Deus confia maior luz àqueles que caminham fielmente na luz que já receberam.

Isso explica por que a estagnação espiritual tão frequentemente segue a desobediência espiritual. Quando os crentes resistem repetidamente à voz de Deus, sua sensibilidade a essa voz gradualmente diminui. O problema raramente é que Deus tenha parado de falar. Mais frequentemente, nós paramos de responder. O Espírito Santo continua a convencer, guiar e instruir, mas um coração que continuamente adia a obediência eventualmente se torna menos receptivo ao seu impulso. É por isso que o escritor de Hebreus adverte: “Hoje, se vocês ouvirem a sua voz, não endureçam o coração”

(Hebreus 3:15, NVI). Todo ato de obediência amolece o coração. Todo ato de resistência o endurece. A direção determina a sensibilidade.

Talvez seja por isso que o milagre do cego termina sem nos dizer o que aconteceu depois. A Escritura nunca registra se ele obedeceu completamente a Jesus ou se eventualmente voltou a Betsaida. O silêncio é intencional. O Espírito Santo deixa o final em aberto porque o capítulo final está destinado a ser escrito na vida de todo crente que ler a história. A pergunta já não é sobre o cego. A pergunta é sobre nós. O que faremos com a visão que Cristo nos deu? Obedeceremos aos limites que Ele estabeleceu? Caminharemos na direção que a sua Palavra revelou? Permitiremos que a visão restaurada se torne uma vida restaurada?

A vida cristã nunca é medida apenas por momentos no altar. Os altares são sagrados porque marcam encontros com Deus, mas a evidência desses encontros é vista nos caminhos que escolhemos depois. A adoração se prova na obediência. O arrependimento se prova em prioridades mudadas. A fé se prova na confiança diária. A restauração se prova por uma vida que já não caminha por onde antes caminhava. O milagre que começa no santuário precisa continuar no lar, no trabalho, na sala de aula e em cada momento comum da vida. O cego deixou Jesus vendo claramente, mas, o mais importante, deixou Jesus caminhando de maneira diferente.

Esta é a bela conclusão de toda a série ÁRVORES. A primeira lição nos ensinou que a visão distorcida produz uma vida distorcida. As lições seguintes revelaram como Jesus pacientemente restaura a nossa percepção através da sua graça, da sua verdade e do seu toque repetido. Agora descobrimos o propósito por trás de cada uma dessas lições. Cristo não restaura a nossa visão apenas para que admiremos a paisagem do seu Reino. Ele restaura a nossa visão para que possamos caminhar fielmente pelo caminho do seu Reino. A maior evidência de que vemos claramente não está no que dizemos crer, mas na direção que as nossas vidas agora tomam. Quando as nossas prioridades mudam, os nossos relacionamentos mudam, as nossas conversas mudam, os nossos hábitos mudam, os nossos lares mudam, e a nossa obediência se torna a nossa alegria, então o milagre alcançou o seu propósito.

Jesus não restaurou a visão do cego para que ele continuasse vivendo como um cego.

Ele restaurou a sua visão para que cada passo que ele desse a partir daquele dia testemunhasse o poder transformador daquele que havia tocado os seus olhos.

O mesmo Cristo que restaurou o cego ainda restaura vidas hoje. E toda vida que Ele restaura carrega a mesma responsabilidade sagrada: nunca voltar à cegueira da qual Ele nos libertou, mas caminhar fielmente na luz que Ele graciosamente nos deu.

REFLITA E ESCREVA

Em que área Deus está te pedindo para mudar de direção, não apenas de sentimentos? Escreva o primeiro passo prático de obediência.

.....

.....

.....

.....

TREES SERIES • STUDY POINT**09****VIVENDO COM A VISÃO RESTAURADA**

Todo milagre registrado na Escritura finalmente aponta além de si mesmo para uma realidade espiritual maior. A abertura de olhos cegos aponta para a iluminação espiritual. A purificação dos leprosos aponta para a purificação do pecado. A ressurreição dos mortos aponta para a nova vida encontrada em Cristo. Da mesma forma, a cura do cego em Betsaida aponta além da visão física para a jornada de discipulado de toda uma vida. Jesus não estava apenas ensinando um homem a ver novamente; Ele estava ensinando todo crente a viver depois da restauração. O milagre se torna um retrato de toda a vida cristã. Já fomos cegos, incapazes de perceber as coisas de Deus, andando segundo o curso deste mundo, dependentes do nosso próprio entendimento, e separados da vida que Cristo desejava para nós. Então a graça nos encontrou. Jesus nos tomou pela mão quando não conseguíamos encontrar o nosso próprio caminho. Pacientemente nos afastou dos lugares que atrapalhavam a nossa fé. Ele nos tocou com a sua graça. Continuou a agir em nós quando o nosso entendimento ainda estava incompleto. Ele se recusou a nos abandonar quando só conseguíamos ver “pessoas, que pareciam árvores andando”. Em vez disso, Ele nos tocou novamente até que a nossa visão se tornasse clara. Que misericórdia incrível é que o Senhor não deixa os seus filhos em um entendimento parcial, mas pacientemente continua a sua obra até que possamos ver através da luz da sua verdade.

O apóstolo Paulo descreve lindamente essa transformação em sua carta aos efésios. Falando a crentes que haviam experimentado a salvação, ele os lembra: “Porque outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor. Vivam como filhos da luz” (Efésios 5:8, NVI). Observe que Paulo não diz apenas que eles antes viviam nas trevas; ele diz que eles eram trevas. O pecado não era apenas o ambiente deles; havia se tornado a sua natureza. Mas através de Cristo eles se haviam tornado luz no Senhor. Porque a sua identidade havia mudado, esperava-se que a sua conduta também mudasse. Paulo imediatamente segue essa declaração com o mandamento de viver como filhos da luz. Mais uma vez, a Escritura une a restauração à responsabilidade. O que Deus fez em nós internamente eventualmente precisa se tornar visível externamente. Todo passo de obediência se torna evidência de que a sua graça transformadora

continua a agir dentro de nós.

Essa progressão explica por que a vida cristã é descrita como uma caminhada, e não como um evento único. A salvação acontece em um momento, mas a santificação se desenrola ao longo de toda uma vida. Estamos continuamente aprendendo a pensar diferente, a falar diferente, a amar diferente, a perdoar diferente e a responder diferente porque Cristo continuamente nos vai conformando à sua imagem. Paulo escreveu aos coríntios: “E nós, que com o rosto descoberto contemplamos a glória do Senhor, somos transformados à sua semelhança, com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito” (2 Coríntios 3:18, NVI). A linguagem de “glória cada vez maior” nos lembra que a maturidade espiritual é progressiva. Assim como o cego experimentou uma clareza cada vez maior, os crentes continuam a crescer em entendimento à medida que fielmente se submetem à obra do Espírito Santo. A vida cristã não é estática. É um movimento contínuo rumo a uma maior semelhança com Cristo.

Esse crescimento contínuo exige uma mordomia intencional. Cada dia apresenta oportunidades tanto para fortalecer a nossa visão restaurada quanto para negligenciá-la. Cada decisão molda a nossa sensibilidade à voz de Deus. Cada conversa influencia o nosso pensamento. Cada hábito aprofunda a nossa dependência de Cristo ou lentamente a enfraquece. Por essa razão, Paulo exorta os crentes: “Portanto, cuidado com o modo como vocês se comportam, não como insensatos, mas como sábios, aproveitando ao máximo cada oportunidade, porque os dias são maus” (Efésios 5:15-16, NVI). Andar com cuidado significa andar de forma criteriosa, precisa, com atenção deliberada. O cristão não vagueia pela vida esperando permanecer fiel. Ele caminha com cuidado porque entende que cada passo o aproxima de Cristo ou o afasta dEle. A maturidade espiritual não é acidental; ela é cultivada através de milhares de escolhas diárias de seguir o Senhor.

Viver com a visão restaurada também exige uma dependência contínua do Espírito Santo. Um dos perigos que os crentes enfrentam depois de experimentar a vitória é a tentação de confiar na experiência de ontem em vez do relacionamento de hoje. O cego não podia continuar vivendo apenas da lembrança do toque de Cristo; ele precisava continuar caminhando segundo a instrução de Cristo. Da mesma forma, não podemos substituir a reunião de oração de ontem pela vida de oração de hoje, a revelação de ontem pela obediência de hoje, ou a vitória de ontem pela fidelidade de hoje. Jeremias declarou: “Graças ao grande amor do Senhor é que não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se cada manhã...” (Lamentações 3:22-23, NVI). A misericórdia de Deus se renova continuamente porque a nossa dependência dEle também precisa permanecer contínua. Cada amanhecer nos lembra de que precisamos de graça renovada, força renovada, sabedoria renovada e comunhão renovada com o Senhor.

Essa dependência diária produz humildade. Quanto mais caminhamos com Deus, mais reconhecemos que tudo o que é bom em nossas vidas é resultado da sua graça. Já não nos gabamos da nossa própria disciplina, conhecimento ou experiência, porque entendemos que, separados de Cristo, nada podemos fazer. Jesus declarou: “Eu sou a videira, vocês são os ramos... pois sem mim vocês não podem fazer coisa alguma” (João 15:5, NVI). Os ramos nunca produzem fruto se esforçando independentemente; eles dão fruto ao permanecerem ligados à videira. Da mesma forma, os crentes não produzem fruto

espiritual apenas através da determinação humana. O amor, a alegria, a paz, a paciência, a amabilidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão e o domínio próprio fluem naturalmente de uma vida que permanece conectada a Cristo. A restauração é sustentada não pela autoconfiança, mas pela comunhão contínua com o Salvador.

Ao refletirmos sobre toda a série ÁRVORES, uma progressão notável se torna evidente. Começamos com uma visão distorcida, descobrindo que a percepção turva sempre produz uma vida distorcida. Aprendemos como suposições, falta de perdão, suspeita, decepção e entendimento parcial nos impedem de ver claramente. Vimos Jesus tocar pacientemente o cego repetidas vezes, demonstrando a sua disposição de continuar agindo até que a restauração estivesse completa. Finalmente, chegamos ao destino para o qual cada lição anterior estava se movendo. A visão clara nunca foi o objetivo final. O propósito de ver claramente era para que pudéssemos viver claramente. Jesus não restaurou a nossa visão para que admirássemos o milagre. Ele restaurou a nossa visão para que pudéssemos segui-lo fielmente. O milagre nunca pretendeu terminar na nossa experiência; ele pretendia transformar a nossa caminhada diária.

Talvez o maior testemunho do cego não tenha sido que ele finalmente conseguisse identificar as pessoas corretamente. Seu maior testemunho foi que, a partir do dia em que Jesus restaurou a sua visão, ele nunca mais precisou viver como se estivesse cego. Cada passo que ele deu se tornou evidência do poder de Cristo. Cada decisão de obedecer se tornou uma declaração de que o milagre era real. Cada limite que ele honrou testemunhou que ele confiava naquele que o havia curado. Da mesma exata maneira, o maior testemunho da Igreja não é simplesmente que podemos falar sobre a salvação, citar a Escritura ou descrever o que aconteceu em um altar. Nosso maior testemunho é uma vida que reflete consistentemente o poder transformador de Jesus Cristo. O mundo não deveria apenas ouvir que fomos mudados; deveria poder ver que fomos mudados.

Este é o convite final de Marcos capítulo oito. Jesus ainda toma as pessoas pela mão. Ele ainda as guia para fora das trevas. Ele ainda restaura a visão quebrantada. Ele ainda toca vidas que outros já desistiram. Mas depois de nos restaurar, Ele amorosamente diz o que disse ao cego há tantos anos: “Vá para casa... não volte”. Caminhe na luz que você recebeu. Proteja o que a minha graça restaurou. Viva de maneira diferente de como você vivia antes. Deixe que a sua família veja o fruto do milagre antes de o mundo ouvir a história do milagre. Permita que a sua obediência diária se torne a evidência de que os seus olhos verdadeiramente foram abertos.

Pois a restauração alcança a sua expressão mais completa não quando Cristo muda o que vemos, mas quando o que agora vemos muda a maneira como vivemos. Essa é a lição final do cego de Betsaida. Esse é o coração do discipulado. E essa é a bela conclusão da série ÁRVORES.

Jesus não restaura a nossa visão para que continuemos vivendo como se estivéssemos cegos. Ele restaura a nossa visão para que possamos caminhar fielmente na luz até o dia em que O vejamos face a face.

REFLITA E ESCREVA

Escreva uma breve oração pedindo a Deus uma dependência renovada dEle hoje, não apenas a vitória de ontem.

Conclusão: A Responsabilidade Daqueles Que Foram Restaurados

Quando damos um passo atrás e observamos todo o relato do cego em Betsaida, descobrimos que esse milagre não se trata principalmente de visão: trata-se de discipulado. É a história de todo crente. Já fomos cegos, incapazes de discernir as coisas de Deus, andando segundo o nosso próprio entendimento, moldados por ambientes que nunca poderiam produzir vida, e dependentes de um mundo que, ele mesmo, não conseguia ver. Então Jesus nos encontrou. Ele nos tomou pela mão quando não conseguíamos encontrar o nosso próprio caminho. Pacientemente nos afastou dos lugares que atrapalhavam a nossa fé. Ele nos tocou com a sua graça. Continuou a agir em nós quando o nosso entendimento ainda estava incompleto. Recusou-se a nos abandonar quando só conseguíamos ver “pessoas, que pareciam árvores andando”. Em vez disso, Ele nos tocou novamente até que a nossa visão se tornasse clara. Que misericórdia incrível é que o Senhor não deixa os seus filhos em um entendimento parcial, mas pacientemente continua a sua obra até que possamos ver através da luz da sua verdade.

No entanto, Marcos se recusa a nos deixar terminar a história ali, porque Deus nunca pretendeu que a restauração se tornasse o destino da vida cristã. A restauração é a porta de entrada para o discipulado. O milagre alcança a sua plenitude somente quando o homem começa a caminhar segundo a palavra de Cristo. Isso explica por que as palavras finais de Jesus não são outra promessa, mas uma ordem. Aquele que restaurou a visão do homem também reivindicou o direito de dirigir o seu futuro. Essa é a natureza do verdadeiro senhorio. Jesus não apenas cura as nossas vidas; Ele se torna Senhor sobre as nossas vidas. Ele não apenas restaura o que estava quebrado; Ele nos ensina como administrar o que foi restaurado. Todo milagre é um convite a uma obediência mais profunda, porque o propósito da graça sempre foi a transformação.

Essa verdade expõe um dos maiores perigos que a Igreja moderna enfrenta. Podemos nos tornar tão fascinados com momentos de experiência espiritual que negligenciamos o processo de formação espiritual de toda uma vida. Nos alegramos quando as pessoas recebem o Espírito Santo, e com razão. Celebramos batismos, milagres, curas, libertações e orações respondidas, e devemos fazê-lo. O próprio

céu se alegra sempre que um pecador se arrepende. Mas esses momentos gloriosos nunca pretenderam ser a linha de chegada. Eles são o começo de uma nova jornada. A evidência de que alguém verdadeiramente encontrou Cristo não é apenas que teve uma experiência em um domingo; é que meses e anos depois o seu caráter cada vez mais se assemelha a Jesus Cristo. O maior testemunho da salvação não é apenas uma eternidade mudada: é uma vida transformada.

É por isso que o Novo Testamento enfatiza repetidamente a perseverança. Jesus declarou: “Mas aquele que perseverar até o fim será salvo” (Mateus 24:13, NVI). Paulo testemunhou perto do fim do seu ministério: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé” (2 Timóteo 4:7, NVI). Nem Jesus nem Paulo viam a vida cristã como um único evento. Eles a descreveram como uma corrida a ser terminada, uma batalha a ser resistida, e uma fé a ser fielmente guardada até o próprio fim. A restauração começa em um momento, mas a mordomia fiel continua ao longo de toda uma vida. Cada dia se torna outra oportunidade de permanecer na luz que Cristo nos deu, em vez de voltar às trevas das quais Ele nos libertou.

Talvez seja por isso que a ordem final que Jesus deu ao cego ainda fala com tanto poder à Igreja hoje. “Vá para casa. Não volte.” Essas simples palavras resumem toda a jornada do discipulado. Vá para onde a sua fé possa crescer. Vá para onde a sua família possa experimentar o fruto da sua transformação. Vá para onde a sua obediência se torne parte da sua vida diária. Mas não volte aos lugares, atitudes, conversas, relacionamentos e padrões que uma vez normalizaram a cegueira espiritual. Cristo não nos resgatou para que pudéssemos visitar a mesma escravidão da qual Ele nos libertou. Ele nos chamou para andarmos em novidade de vida. Como Paulo escreveu: “Fomos, portanto, sepultados com ele na morte por meio do batismo... assim também nós podemos viver uma vida nova” (Romanos 6:4, NVI). A vida nova exige uma nova caminhada.

Ao concluirmos a série ÁRVORES, uma imagem final surge que une cada lição. A primeira vez que o homem olhou, ele viu árvores que andavam. Sua visão estava distorcida. Depois do segundo toque, ele viu tudo claramente. Sua percepção havia sido restaurada. Mas somente depois de obedecer à instrução de Cristo é que a sua vida verdadeiramente refletiria o milagre que havia recebido. Da mesma forma, todo crente passa por essas mesmas etapas. Começamos com uma visão distorcida. Cristo pacientemente restaura o nosso entendimento. Então Ele nos confia a responsabilidade de viver de acordo com o que Ele nos revelou. A maturidade espiritual não é medida por quanta verdade sabemos, mas por quão fielmente vivemos a verdade que sabemos. A visão mais clara do mundo significa muito pouco se ela nunca muda a direção das nossas vidas.

Um dia, todo crente experimentará a restauração final prometida na Escritura. Paulo nos lembra: “Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas então veremos face a face” (1 Coríntios 13:12, NVI). Mesmo agora, enquanto crescemos em Cristo, o nosso entendimento continua a amadurecer. Ainda há verdades que Ele nos está ensinando, áreas em que Ele continua a nos santificar, e lugares em que Ele continua a refinar os nossos corações. Mas está chegando um dia em que todo traço de cegueira espiritual desaparecerá para sempre. Veremos o nosso Salvador face a face. A fé se tornará visão. A esperança se tornará realidade. Toda luta contra o pecado cessará, e toda obra de restauração que Cristo começou finalmente será completada na sua gloriosa presença.

Até esse dia, o nosso chamado permanece inalterado. Devemos caminhar na luz que Ele nos deu. Devemos guardar o que a sua graça restaurou. Devemos abraçar os seus limites como atos do seu amor. Devemos deixar que os nossos lares se tornem o primeiro lugar onde a sua transformação é visível. Devemos rejeitar todo convite para voltar à cegueira da qual Ele nos libertou. Devemos administrar fielmente todo dom, toda revelação, todo milagre e toda oportunidade que Ele coloca em nossas mãos.

Pois a maior evidência de que verdadeiramente vimos Jesus não é que possamos falar dEle com maior conhecimento.

É que O seguimos com maior obediência.

A maior evidência de que verdadeiramente recebemos restauração não é que o nosso testemunho descreva o que aconteceu há anos.

É que as nossas vidas continuam a refletir o que Jesus está fazendo hoje.

E o maior milagre de todos não é simplesmente que Jesus abre olhos cegos.

É que aqueles cujos olhos Ele abriu escolhem, todos os dias, caminhar fielmente na luz que Ele tão graciosamente lhes deu.

Pontos-Chave

◆ O milagre em Betsaida nos ensina que Jesus nunca está satisfeito em deixar o seu povo em uma visão parcial. Ao longo do relato, Cristo pacientemente guia, toca, restaura, instrui e comissiona o cego até que a obra esteja completa. Cada passo revela outro aspecto do propósito redentor de Deus. O Senhor primeiro retira o homem de um ambiente prejudicial, depois restaura a sua visão, e finalmente lhe dá direção. Essa progressão nos lembra que Deus se importa não apenas com o que vemos, mas com como vivemos depois de ver. A maior evidência de que Cristo agiu em nossas vidas não é simplesmente que recebemos revelação, mas que as nossas vidas diárias refletem essa revelação através da obediência fiel.

◆ Essa lição também nos ensina que a restauração é tanto um presente quanto uma responsabilidade. Tudo começa com a graça. O cego não ganhou a sua cura, assim como nós nunca poderíamos ganhar a nossa salvação. Jesus iniciou o milagre, assim como Ele inicia a nossa redenção. No entanto, depois que a graça faz a sua obra, a responsabilidade começa. O Senhor espera que aqueles que Ele restaura administrem o que lhes foi dado. Somos chamados a proteger a nossa caminhada com Deus, guardar os nossos corações, abraçar os seus limites e submeter continuamente as nossas vidas à sua direção. A graça não elimina a responsabilidade; a graça capacita a responsabilidade.

◆ Outro princípio que surge ao longo deste estudo é que os limites de Deus são expressões do seu amor, e não limitações à nossa liberdade. Todo mandamento que Cristo deu ao cego foi projetado

para preservar o milagre que acabara de acontecer. Da mesma forma, todo mandamento bíblico protege algo precioso na vida do crente. A Palavra de Deus guarda as nossas famílias, os nossos casamentos, as nossas mentes, os nossos relacionamentos, a nossa adoração e a nossa comunhão com Ele. Quanto mais claramente vemos Jesus, menos questionamos os seus mandamentos, porque reconhecemos que aquele que dá a instrução é o mesmo que amorosamente restaurou as nossas vidas.

❖ Talvez o maior desafio apresentado por esta passagem esteja na ordem de voltar para casa, e não para o povoado. Jesus entendia que a transformação genuína primeiro precisa se tornar visível em privado, antes de ser demonstrada publicamente. Nossas famílias deveriam experimentar o fruto do nosso relacionamento com Cristo antes de o mundo ouvir o nosso testemunho. A maior evidência de maturidade espiritual não é o ministério público, o talento ou o reconhecimento, mas a fidelidade silenciosa nos momentos comuns da vida. Um lar transformado é frequentemente o testemunho mais claro de um coração transformado.

❖ Finalmente, essa passagem nos lembra que a vida cristã não é medida por experiências espirituais isoladas, mas pela obediência contínua. Cada dia apresenta uma nova oportunidade de caminhar na luz que Cristo nos deu. Cada decisão fortalece ou enfraquece a nossa mordomia da sua graça. O objetivo não é apenas lembrar o dia em que Jesus nos tocou, mas continuar caminhando fielmente porque Ele nos tocou. A restauração alcança a sua expressão mais completa quando as nossas vidas refletem consistentemente aquele que nos restaurou.

O cego entrou em Betsaida precisando que alguém o guiasse pela mão.

Ele saiu de Betsaida caminhando sob a direção de Jesus Cristo.

Essa é a jornada de todo discípulo.

❖ Cristo nos toma onde estamos, restaura o que o pecado quebrou, nos ensina a ver claramente, e então nos chama a passar o resto de nossas vidas caminhando em obediência fiel até o dia em que a nossa fé se tornará visão.

Complete a Lacuna

Complete cada afirmação usando as palavras que melhor se encaixam na lição.

1. Jesus não restaurou a _____ do cego para que ele continuasse vivendo como cego. Ele a restaurou para que ele pudesse caminhar em _____.
2. A restauração não se trata apenas do que Jesus nos devolve; trata-se do que nos _____ depois que Ele restaura o que havíamos _____.

3. Todo milagre de Deus tem o propósito de produzir _____ espiritual, não apenas alívio _____.
4. Os _____ de Deus não são punição; são a sua amorosa _____ sobre o que Ele restaurou.
5. Jesus disse ao cego para ir à sua _____, mas não voltar ao _____, ensinando que a transformação primeiro precisa ser vivida em privado antes de ser exibida em público.
6. A evidência contínua do Espírito Santo é o _____ do Espírito, produzindo um _____ semelhante a Cristo no crente.
7. Não protegemos a restauração de Deus através do medo, mas através de uma fiel _____ e uma _____ diária.
8. O milagre foi totalmente completado não simplesmente quando o cego conseguiu _____ claramente, mas quando ele começou a _____ segundo a palavra de Jesus.

Gabarito: Para Líderes de Grupo

visão; obediência • tornamos; perdido • transformação; temporário • limites; proteção • casa; povoado • fruto; caráter • mordomia; obediência • *ver; caminhar